ANO II — Lisboa—Sexta-feira, 14 de Junho de 1918 — N.º 390

Poca:ceri:e — poca:grei

A Monarquia

Diario Integralista da Tarde

ENDEREÇO TELEGRAFICO: — «MONARQUIA»—LISBOA

Director
Conde de Monsaraz

Redactor principal
Antonio Sardinha

Propriedade da Sociedade Integralista Editora, Limitada

Escritorios e tipografia
R. de S. Paulo, 20

Impressão — Rua da Atalaia, 134

Collor — João H. Santos

Telefone: C. 1039

Monarquia e sindicalismo

Um dos alicerces da futura Monarquia tem de ser indiscutivelmente a organisação das classes pelo sindicalismo profissional.

Realmente, querendo nós que na futura Monarquia os politicos percam todo o seu poderio que tão ruinoso nos tem sido, nada poderiamos encontrar com força suficiente para lhes inutilisar o esforço, a não ser a massa organisada das profissões, subordinada ao chefe supremo da Nação, ao unico chefe da Familia Portuguêsa — o Rei.

Muita gente se assusta ao ouvir falar em sindicalismo, antevendo já morticinios e sangueiras, propriedades saqueadas e direitos abolidos por uma egualdade que só pode existir nas cabeças esbrazeadas dos teoricos!...

Nada mais falso porém do que essa suposição. O sindicalismo é pela sua natureza e pelos seus fins, a doutrina mais antagonica a tudo quanto seja democracia, socialisação das riquezas, egualdade social e quejandas minhocas que teem aniquilado os cerebros de tanta gente boa.

A Democracia, creando o homem isolado, sem familia e sem leis, baseada na pureza primitiva, aniquilou tudo quanto era respeito, freios sociaes, solidariedade de classes, direitos colectivos, entregando o homem aos seus instinctos primitivos que toda uma civilisação conseguira localisar.

O sindicalismo é uma das bases da futura reorganisação social. Sacrificando todos os direitos individuaes ao interesse da classe, ele é na verdade uma instituição «conservadora» — se dermos ao «conservantismo» a sua unica e verdadeira significação: —«o sacrificio de todos os interesses individuaes ao interesse colectivo da Patria».

Toda a gente vê pois a relação que existe entre o sindicalismo e o conservantismo:

—Vemos primeiro o sacrificio do «individuo» á «classe»; vemos em seguida o sacrificio da «classe» ao conjuncto das «classes» e das «Familias» — e portanto á «Patria»!

Por sua vez o sindicalismo é a antitese dos dois fundamentaes principios da Democracia: — a Liberdade e a Egualdade!

Fazendo vergar todos os pontos de vista individuaes sob o interesse colectivo, demarcando ao individuo o trilho que hade seguir para não afectar os interesses de todos, o sindicato é a negação perfeita da «Liberdade», da liberdade individual de que a Democracia faz a apologia.

O sindicalismo transforma pois a liberdade «individual», que geralmente redunda em «licença», na liberdade «colectiva» a que todas se devem subordinar.

Quanto á «Egualdade», base primacial da Democracia e do Socialismo, o sindicalismo só a compreende «perante a Lei», respeitando todas as hierarquias e diferenças sociaes.

Está pois demonstrado que o verdadeiro «sindicalismo», o sindicalismo que congrega em si os interessea das classes, nada tem de comum com os trez germens da destruição universal — o Socialismo, a Democracia e a Anarquia — fim inevitavel dos paizes onde estes dois «sistemas» — perdôem-me o eufemismo — conseguem impôr-se, sem que a alma nacional reaja rapidamente.

Resta apenas provar a perfeita adaptabilidade do Sindicalismo á Monarquia, unico regimen, aliás, que póde incluí-lo com beneficio no seu programa. A demonstração não é dificil: — Organisadas as classes, restituida a antiga força ás corporações, torna se desde logo necessario crear «alguem» que coordene os seus esforços para que os seus interesses se não choquem, produzindo quiçá a morte da Nação. Quem ha-de assumir essa função «dirigente» e «coordenadora».

Uma dessas classes? Impossivel! seria a creação imediata duma casta que, desprezando os interesses da «colectividade», trataria apenas dos seus proveitos pessoaes.

Onde ir buscar pois esse orgão de necessidade evidente?

Quaesquer que sejam os rodeios que se empreguem, só ha uma conclusão a aceitar como boa: — a Monarquia.

Só um Rei, extranho ás classes e superior a todas elas, cujos interesses pela virtude da hereditariedade são necessariamente os da Nação, educado tecnicamente para o exercicio da sua função, pode ser o dirigente util e imparcial de que as classes necessitam para que, evitando-se as luctas sangrentas entre elas — inevitaveis em outro qualquer regimen — se consiga trazer para a luz da realidade essa palavra que a Democracia, pozno seu estandarte para jamais a adotar: — a Fraternidade, a paz social, a estabilidade indispensavel á evolução dos povos.

Todo o bom sindicalista, se aprofundar bem a realisação da sua doutrina, é inevitavelmente Monarquico por conclusão.

—«A egualdade, bem como a liberdade, que os povos desejam, (a egualdade perante a lei e a liberdades colectivas») é mais facil de encontrar-se nas Monarquias do que nas tumultuosas Democracias, onde as vozes prometem tudo, e os factos nada concedem», escrevia o marquez de Penalva em 1799. Hoje, passado mais de um seculo, apoiados pela experiencia, nós podemos adeantar mais alguma coisa: — A egualdade perante a Lei e as liberdades colectivas, apanagio das Monarquias, jamais serão possiveis em regimens democraticos, onde ha sempre uma casta de audaciosos e incompetentes a imitar em grande escala as tiranias mais opressoras da historia, e onde o interesse da mesma é destruir uma a uma todas as celulas organisadas da Nação, para que aos seus apetites insaciaveis não se possa alguem opôr, bradando-lhes a sentença dos criminosos contra o bem comum!...

João Camilo Felix Correia.

Dr. João Ulrich

Associamo-nos gostosamente ás palavras de justa homenagem que o *Dia* de ante-hontem prestava ao sr. dr. João Ulrich, que, como monarquico, recusou a sua entrada no actual ministerio, irmão do nosso querido amigo dr. Ruy Ulrich, o sr. dr. João Ulrich é um nome ilustre no nosso meio financeiro, dando com a sua attitude um grande exemplo de nobre e inabalavel firmeza de caracter.

No bom combate

Hoje é um engenheiro que vem com a sua competencia enfileirar conosco nas lutas sagradas da salvação nacional. O nosso nacionalismo de dia para dia ganha em extensão e em intensidade. Ao prestigio crescente da nossa acção educadora junta-se a sua demonstração nas competencias que nos procuram com o seu esforço e com o seu pleno aplauso.

Depois de Alberto Rego e de Bettencourt Ferreira, depois da Francisco Manuel de Menezes e Antonio Jorge Lemos Ferreira, mais uma actividade especialisada enaltece a lista de honra das nossas adesões afiando á firmesa da sua convicção o largo alcance da sua bela intelligencia. Filho dum ilustre oficial da nossa marinha de guerra, o senhor engenheiro Manuel Eduardo Gomes Rodrigues, com o seu curso tirado lá fora, nas melhores escolas do estrangeiro, é além dum homem de sciencia um homem de fé, — catolico e monarquico na sua feição mais extrema.

Ao ingressar no *Integralismo* é ao seu amigo e velho companheiro, o nosso prezado camarada dr. Rolão Preto que o senhor engenheiro Gomes Rodrigues se dirige. Oiçamo-lo:

Meu caro Rolão Preto

Não te vae certamente surpreender o conteudo desta carta, pois ha muito tempo conheces a minha maneira de pensar em questões politicas.

E', com efeito, deste assunto que hoje te falo, dizendo-te que estou decidido a entrar oficialmente (chamemos-lhe assim) no *Integralismo Lusitano* e por isso venho pedir-te para seres o meu padrinho nesta minha entrada na politica.

Cheguei, como vês, á conclusão de que devia abandonar o campo de abstenção em que me encontrava e encontras-me agora decidido ao trabalho para concorrer com um pouco para essa bela obra do levantamento de Portugal.

Abraça-te o amigo
sincero e grato
Manuel Eduardo Gomes Rodrigues.

Palavras dunha grande nobreza as palavras do senhor engenheiro Gomes Rodrigues. Não é só professar os principios. E' vive-los tambem. As idéas sem a acção quedam-se mortas, na inercia das formulas algebricas. O indiferentismo foi sempre o peior dos crimes. A falta de calor e de crença é o pecado que Dante mais pune no seu poema. Desde que somos uma força e em nós se deposita uma energia, é necessario *socializa-la*, rompendo com as comodidades criminosas de um individualismo mais que criminoso.

Assim o entendeu o nosso novo companheiro. Assim o deviam entender quantos querem merecer o seu nome de bons portuguêses. De resto, não é outra coisa que nós a toda a hora bradamos aqui neste apelo constante ás virtudes hereditarias da raça, Lentamente devagar, a nossa voz faz-se ouvir. São os efeitos da nossa propaganda. Redobremos de esperança e de atividade e seja sempre o nosso primeiro pensamento:

Propaganda!
Propaganda!
Propaganda!

Procedimento inqualificavel

Vimos nos jornaes que no ministerio do Interior se reuniram a convite do senhor secretario de Estado da respetiva pasta os representantes da imprensa da capital. Se não nos fizemos representar, foi porque pura e simplesmente não recebemos convite para essa reunião. Muito gostariamos de saber o motivo porque a *Monarquia* não está na graça do ministerio do Interior.

Pacheco... falou!

Marcelino Mesquita, cujo maior titulo literario é o insulto dirigido a Ramalho Ortigão, moribundo, e á piedade religiosa de sua familia — escreve uma epistola hilariante ao sr. secretario da Instrução Publica sobre a reforma do Teatro Português, e aconselha o sr. Alfredo de Magalhães a dar o braço a Garrett ou, pouco mais ou menos, a dar o braço a ele, Mesquita, como Garrett o déra a Manuel Passos.

Confessemos que é manter a rigor o sentido das proporções!

Mas esta epistola é um documento miseravel de ideias, porque não passa do costumado acervo de lugares comuns com que qualquer barbeiro borlista possa referir-se ao teatro portuguez.

Nem ideias, nem elevação, porque ninguem dá o que não tem.

Apenas uma verdade resalta de todo esse desarrazoado de má lingua de café: a extrema decadencia a que chegou o teatro em Portugal.

Pela exposição do dramaturgo, fica a gente sabendo estas coisas espantosas — que o teatro é a *tela da vida*, que o *exemplo é a unica forma de educação, que a nobilitação maxima dum paiz vem-lhe dos seus artistas* e outras lapidarias de igual jaez.

Por ultimo, depois de um rosario de lisonjas ao senhor secretario (de quem? ou de quê?), abre-lhe o tesoiro da sua sabedoria...

E então, ou o governo explora diretamente o teatro, se o puder conseguir, ou o entrega em hasta publica a quem mais der, em dinheiro, promessas e boas intenções.

Teatro do Estado ou *Empresa particular*, aqui estão as soluções propostas, supomos que contra a actual sociedade artistica (que de artistica só tem o nome), por Marcelino, o Cru.

Lá que aquilo precisa uma vassourada de reforma, de alto a baixo, não ha duvida, segundo o consenso de nobres e plebeus, pois no ultimo periodo de gerencia quem mandava no teatro muitas vezes era... era o sr. Norton de Matos, superior do habil capitão do exercito e heroico emprezario, Luiz Galhardo.

Emfim, façam lá isso como entenderem, transferindo, por exemplo, o sr. Ferrão para a direcção da scena ou confiando a qualquer empresa, Mesquita & C.ª, por exemplo, o destino do teatro. Mas dêem-se pressa, c'os demonios! — que é preciso mudar! Ainda que seja para peior. Ao menos goza-se a vaidade...

Dr. Luís de Almeida Braga

Encontra-se em Lisboa de novo o nosso querido amigo dr. Luís de Almeida Braga. Vem para realizar a sua anunciada conferencia sobre o Minho. Já está marcada para quinta feira proxima na Liga Naval. Auguramos-lhe mais um triunfo, que será tambem nosso pelo muito que o estimamos e admiramos.

E' mania!

Do nosso presado colega *O Dia* transcrevemos o seguinte eco:

Com este titulo o *Jornal da Tarde* — e não *O Mundo* — escrevia ontem dirigindo-se-nos, *isto*, que em renovação do castigo já aqui aplicado á sua anterior local não menos... infeliz, vamos transcrever e arquivar:

«*O Dia* tem prestado o seu apoio ao sr. Sidonio Paes para, couraçando-se com essa atitude, que só ele julga benevola, ter carta branca para poder dizer e escrever o que quizer.

A explicação da sua... benevolencia para com o sr. Sidonio Paes deu-a tarde *O Dia*. Se a tivesse tornado publica mais cedo, ter-nos-ia poupado o desgosto de uma desilusão — porque se fica sempre desiludido quando se faz conta com uma coisa e nos sae outra. Quanto ao castigo que quiz infligir-nos, *O Dia* sabe tão bem onde lhe dóe como nós. Não falemos mais nisso...»

E' mais uma insinuação envenenada, um suposto *germanofilismo* d'*O Dia* que, digamol-o de passagem, tem muita honra na camaradagem do nosso distinto colega Antonio Sardinha, português como os que o devem ser, e cujos sentimentos scrisoladamente patrioticos ninguem que saiba raciocinar pode pôr em duvida.

Mas como o *Jornal da Tarde* diz que *O Dia sabe onde lhe dóe*, aqui lhe confessamos que o tal *germanofilismo d'O Dia* se regula pelo do sr. dr. Egas Moniz, que para o orgão dos centristas deve estar acima de toda a suspeita.

Como vê, ficamos excelentemente acompanhados. Talvez agora repita: *não falaremos mais nisso!*

Já em outro logar ficam feitos os nossos agradecimentos pela sensibilisadora deferencia dispensada ao nosso redactor-principal. Só nos resta acrescentar que muito folgamos em ter o senhor Egas Moniz por companheiro no nosso germanofilismo. Quando soar a hora do fusilamento, a historia dirá quem tinha mais culpas na consciencia...

Oh, se dirá!

Biblioteca Nacional

A sala «Visconde de Santarem»

Vae ser creada na Biblioteca Nacional uma sala denominada «Visconde de Santarem», em que se reunirão todos os manuscritos e obras impressas daquele celebre geografo e mais documentação a ele referente.

Ao "Dia"

Ontem o nosso presado colega *O Dia*, apropósito das infamias bolsadas pelo *Jornal da Tarde*, tinha para com o nosso redactor principal palavras que profundamente nos comoveram e que nem com um reconhecimento bem publico se poderão agradecer-lhe, aqui fica, em todo o caso, com a nossa melhor e mais viva gratidão para com o nosso ilustre amigo senhor Moreira de Almeida, que, apesar de professar dentro da grande causa que a todos nos congrega para o bem da Patria tendencia diversa da nossa, se tem mostrado sempre duma lealdade e duma camaradagem, de que ainda ontem deu provas bem solenes e bem expressivas.

Reiteramos ao distinto director de *O Dia* os nossos sentimentos de amisade e admiração que, sendo sempre os mesmos, não são nunca de mais.

Alferes Abreu Gama

Visitou-nos este distinto oficial do nosso exercito, de passagem em Lisboa. A sua concordancia comnosco enche-nos de estimulo e é com o maior reconhecimento que lhe agradecemos a sua penhorante atenção.

NA FESTA DO CRAVO

Foi com as seguintes quadras que o nosso redactor-principal dr. Antonio Sardinha correspondeu ao pedido que nesse sentido lhe fez a comissão organisadora da Festa do Cravo:

Ficou parada a charrua,
quem é que a ha-de empurrar?
Se vais à guerra, ó soldado,
olha que vais p'ra voltar!

Soldado, pensa bem n'isto
e vê que sina imortal!
Tu és o corpo de Christo,
sangrando por Portugal!

O' alcachofra queimada,
onde é que irias abrir?
E's de raiz portuguêsa,
á França foste florir!

Por essas terras distantes,
entre outros mais que ele fez,
fez Santo Antonio o milagre
de sempre ser português.

Pediu as *Ave-Marias*,
salvou-o em menos dum ai...
—Assim, Antonio, nos salve,
como salvou a seu pai!

«*São quatro regras notadas,*
notadas mutto a correr...»
—Em menos tempo se morre
e tanto custa a morrer!

Santo das bilhas quebradas,
mas que milagre serie,
se a tanta alma desfeita,
désses a antiga alegria!

Foi Santo Antonio soldado,
serviu nas armas tambem.
O' tu que partes p'ra a guerra,
vê o valor que isso tem!

Bandeira não n'a preciso,
se desço á cova desfeito,
que eu levo ás chagas de Christo
rasgadas sobre o meu peito!

Se nada pódes na guerra,
vai-te agarrar ao arado,
Lavrar a terra maninha
tambem é ser-se soldado!

Quero fazer testamento,
não sei como é que o farei!
O' Portugal da Conquista,
quem herda a espada da Grey?

Não ficas longe da gente,
inda que fiques na guerra,
E' sempre terra bem nossa
essa em que a gente se enterra!

Antonio Sardinha.

O sr. Bernardino protesta

perante Lloyd George contra o reconhecimento do governo português pela Inglaterra!

No jornal *El Liberal*, de Madrid, depara-se-nos, sob a epigrafe — «Una carta-protesta contra el reconocimiento del nuevo gobierno portuguès» — o seguinte maravilhoso telegrama:

«LONDRES, 9. — O ilustre Bernardino Machado, presidente legal da Republica Portuguêsa, afastado do seu posto por um acto de força, dirigiu uma notavel carta ao chefe do governo inglês, Lloyd George, protestando contra o reconhecimento do actual governo português, constituido precisamente pelos que se opunham á cooperação portuguêsa com os aliados.

O sr. Machado recorda todos os seus actos desde 1914, como governante e como presidente, em favor da Inglaterra, e queixa-se de que o governo inglês tenha procedido contra a democracia verdadeira de Portugal. Igualmente se queixa contra o adido militar inglês que, desde o primeiro dia, favoreceu aberta e descaradamente os agitadores de Sidonio Pais.»

Nova proeza do brasileiro sr. Bernardino, como veem. Desta vez sem o general Barnardiston escapa á sua furia.

Constituindo certo este bernardinicio gesto a vanguarda de um furibundo e arguitolo protesto, não tardará que deem de falar das suas *altas pessoas* os srs. Chagas, Leote e Norton de Matos.

Pois protestem por lá á vontade...

Letras, costumes e tipos

Carta a Clarinha

Passaram-se os dias e as noites sem que eu lograsse dispôr em duas mal alinhavadas regras as impressões que prometi comunicar-lhe. Mas impressões de quê?... Eis a interrogação que me deteve, incerto e vago, como o viandante na clareira duma encruzilhada. Impressões das suas cartas? talvez...: era a ladeira, ingreme e florida, para onde o meu entusiasmo chamava o meu espirito. Impressões desta doce provincia, é dos claros serões da prima Joaninha e das novenas de Maio e Junho, aos rosas que se morrem e dos cravos que amanhecem?...

Decerto, tambem para esse perfumado declive das cousas naturaes e santas me chamavam muitas vezes a flauta de Pan e as predileções da minha irreal emotividade... Todavia, por uma extranha e bizarra incoerencia, durante estes dias que passaram, sempre que me dispunha a colher, para Clarinha, a flor modesta duma impressão ou a impressão mal colorida duma flôr, inalteravelmente me achava caminhando num caminho que nem subia á colina alta do seu pensamento, nem se demorava junto ao portão florido da prima Joaninha, nem descia aos vales umbrosos onde Pan, chifrado bode, se retoiça na relva entre ovelhas que são ninfas.

Esse caminho árido, sem impressões e sem flôres, é o caminho poeirento do Tedio que tudo séca e fatiga e que já Margarida d'Angouléme dizia ser comum «*à toute créature bien née*». E' sobre esse caminho que os meus sapatos embraquecem, sempre que tento sair do meu mundo interior e do tranquilo egoismo do meu lar, para, atravez da Distancia e atravez do Rumor, afirmar aos outros a certeza de que penso e de que portanto, existo. Afirma-lo numa carta publica em que publicamente se passeie o meu pensamento ou afirma-lo na rua do Ouro, ás 6 horas da tarde, — eis o que me é por igual fastidioso. Indolencia? — «*Certaines paresses sont des mépris*» dizia Rivarol... Mas não, não é indolencia: é apenas o horror de ser acotovelado, nas minhas ideias como nos meus braços, pelos braços e pelas ideias dos outros.

Ser acotovelado não significa forçosamente ser maltrado, ser desprezado; significa, mais justamente, ser ignorado, ou ainda melhor, não ser reparado. Ora bem humilhante se me afigura a situação do homem que, tendo saido dum doce isolamento para estadear na rua do Ouro e no Chiado as evidencias da sua existencia fisica e mental, cedo notasse que nem á rua do Ouro nem ao Chiado mereciam reparos os seus gestos e as suas palavras. E essa situação humilhante tornar-se-ia intensamente dolorosa, se os actos e as palavras de tal homem, em vez dum fim comercial ou dandinesco de réclame, tivessem um objectivo eminentemente social, como por exemplo denunciar um erro, condenar uma moralidade, ou apenas prevenir as desvastações duma ideia falsa... Agredido ou maltratado, este homem reganharia em misticismo, em fé, portanto em combatividade, a porção de força vital que lhe fossem roubando, em carne, em sangue e em somno, as mordeduras duns, as pedradas doutros e o latir dos restantes. Mas quê? Lisboa jacobina e frivola não quer martirios de que nascem santos; pede pão mas detesta os circenses. Por isso não maltrata nem agride. Segue o seu caminho de indiferença, acotovela, não repara...

Quer dizer: o homem de quem falo, sentinela alerta do Bom Gosto e do Bom Senso, veria como é indiferente á Ordem da Cidade, á Policia da Cidade, o seu quarto de vigilia. De que lhe servirá bradar: ás armas! quando Clarinha passe toda cheia de graça e de talento, levando nos labios o sorriso melancolico daqueles que pensam, como La Bruyère, «*qu'il faut rire avant d'être heureux, de peur de mourir sans avoir ri...*»!» De nada: a turba passará sem ver a sentinela e sem reparar em Clarinha, profundamente descuidosa de que ela seja, agora que Maria Amalia Vaz de Carvalho penetrou na sua repousada imortalidade, a mais insigne das nossas raras escritoras. De nada serviria tambem que esse homem gritasse: quem vem lá? passe de largo! a essa multidão de genios femininos que subitamente nos surge por ahi, invadindo os teatros, os livreiros e os jornais, e forçando a galantes curvaturas de espinha os criticos que gostam de cavalgar á estribeira fidalga do Bom Tom. De nada serviria... e a propria sentinela vigilante ganharia o breve convencimento de que, em volta das desmanteladas torres do Bom Senso e do Bom gosto, os seus passos apenas passeavam o caminho fatigante do Tedio e da Inutilidade. Deitaria ás ortigas o seu inutil arcabuz de critico. Hercules raquitico, não lhe fôra possivel exercer a sua bela função de limpezas nessas outras cavalariças de tugias que são Lisboa, centro da nossa vida moral e mental. Voltaria á provincia...

A provincia não é o embrutecido alheamento da vida que passa. Pelo contrario: hoje, é aqui que se vive, em toda a sua plenitude e fragôr, esta suprema hora da nossa existencia que é a hora da guerra. As novas que amachucam e ferem chegam ai primeiro, é certo; mas parecem pedra morta tombando num pantano morto: ha a dôr breve da incidencia que a Cidade logo repéle, em ondulações apressadas, para estas obscuras margens da sua civilisação. E enquanto ai as novas tristes mengulham no remoinho das festas e kermesses, a lembrança dos que lá longe se batem, sofrem e morrem pela Patria, tem aqui sempre acêsa nos altares a vela que propicia o animo de Deus.

...Isto que lhe digo foi tudo dito, ontem no ultimo serão da prima Joaninha a quem profundamente desolam essas festas sem Arte nem Caridade de que Clarinha lhe tem feito o curioso relato. Quanto ao nosso abade, esse acha tão condenavel a nevróse alfacinha que já nos disse esperar para ela o flagelo terrivel com que Jeonah icinerou as famosas Sodoma e Gomorra. «Pois seja assim, disse eu ao abade, contanto que Clarinha, ao fugir da cólera divina, se não lembre de olhar curiosamente para traz...»

E, dizendo isto, eu exprimia uma verdade gruta ao meu coração e ao meu pensamento.

João do Amaral.

«Cruzada D. Nuno Alvares Pereira»

Recebemos hoje a sumula de que esta associação patriotica pretende realisar. E' um plano largo de reorganização nacional, em que a idéa de regime é absolutamente posta de parte.

Sendo assim, podem pertencer á referida Cruzada indiferentemente monarquicos e republicanos.

Não percebemos então como, abordando a Cruzada problemas referentes á propria estrutura do Estado, essa desejada neutralidade politica se obterá.

Nem hostilizamos nem aplaudimos. Registamos simplesmente.

D. Luís de Castro

A sua conferencia de ontem

Perante uma selecta assembleia, realisou ontem pelas 9 horas e meia da noite, na Associação Central da Agricultura, uma conferencia sobre *Politica Agraria* o nosso querido e ilustre amigo sr. D. Luís de Castro (conde de Nova Goa).

Sua ex.ª como de costume, mostrou todo o seu saber e a alta competencia no assunto a que se tem dedicado, não só como homem de sciencia, mas tambem como português que ao culto da sua terra se entrega, como o melhor acto de patriotismo.

Sua ex.ª foi, no final da sua conferencia, muito cumprimentado pelas pessoas que o ouviram.

Brevemente publicaremos nas nossas colunas um trecho dessa conferencia.

Domingos Mexia Serra

Encontra-se em Lisboa este nosso presado amigo a quem a nossa causa deve, pelo seu prestigio, altos e apreciaveis serviços. Abraçamo-lo.

Por conveniencia de paginação, publicamos na segunda pagina as nossas secções, *Critica das letras* e *Quotidianas*.

D. Isabel Saldanha da Gama

O Diario Nacional publica hoje um belo artigo sobre a ilustre finada D. Isabel Saldanha da Gama, devido á pena do sr. Conde de Sabugosa, do qual pedimos vénia para transcrever os seguintes fragmentos:

«Figura notavel por mais de um titulo, a sua morte foi sentida e lastimada por todos aqueles que, num passado recente, mas que os acontecimentos, amontoados em barda, fazem parecer já tão distante, conheceram o seu espirito e poderam apreciar a sua convivencia.

Se tivesse morrido ha anos, quando ainda existia uma Côrte, isto é um gremio de escol, em que a nobreza de raça, e a nobreza de talento acompanhavam os Reis nas suas funções governativas, se tivesse desaparecido quando a sociedade portugueza estava ainda organisada com uma estructura harmonica nas suas bases tradicionaes, o eco deste acontecimento teria repercutido com maior fragôr.

Hoje, se esse eco foi atenuado pelas circunstancias da epoca excepcional em que se vive, nem por isso o acontecimento é menos sentido, ou a perda deixa de ser irreparavel para a sociedade a que pertencera a ilustre extinta.

E' que as qualidades que tornaram digna de nota a sua personalidade, pela cultura de engenho que possuia e pela natureza da missão que desempenhou, davam-lhe uma aureola que mais fazia realçar o nome preclaro que herdara.

Foi sucessora no cargo de muitas das mais insignes educadoras, que tem registo glorioso nos anaes da nossa historia.

Sem remontar ao passado longiquo em que D. Joana de Blasfeldt lançava as primeiras sementes das boas artes no cerebro da Infanta D. Maria, a mais radiante Musa da Renascença portugueza, ou em que D. Mariana de Lencastre, como por exemplo — denunciar um erro, condenar uma imoralidade ou apenas prevenir as desvastações duma idéia falsa... Agredido ou mal tratado, este homem reganharia em misticismo, em fé, portanto em combatividade, a porção de força vital que lhe fossem roubando, em carne, em sangue e em somno, as mordeduras duns, as pedradas doutros e o latir dos restantes. Mas quê? Lisboa jacobina e frivola não quer martirios de que nascem santos; pede pão mas detesta os circenses. Por isso não maltrata nem agride. Segue o seu caminho de indiferença, acotovela, não repara...

Quer dizer: o homem de quem falo, sentinela alerta do Bom Gosto e do Bom Senso, veria como é indiferente á Ordem da Cidade, á Policia da Cidade, o seu quarto de vigilia. De que lhe servirá bradar: ás armas! quando Clarinha passe toda cheia de graça e de talento, levando nos labios o sorriso melancolico daqueles que pensam, como La Bruyère, «*qu'il faut rire avant d'être heureux, de peur de mourir sans avoir ri...*»!» De nada: a turba passará sem ver a sentinela e sem reparar em Clarinha, profundamente descuidosa de que ela seja, agora que Maria Amalia Vaz de Carvalho penetrou na sua repousada imortalidade, a mais insigne das nossas raras escritoras. De nada serviria tambem que esse homem gritasse: quem vem lá? passe de largo! a essa multidão de genios femininos que subitamente nos surge por ahi, invadindo os teatros, os livreiros e os jornais, e forçando a galantes curvaturas de espinha os criticos que gostam de cavalgar á estribeira fidalga do Bom Tom. De nada serviria... e a propria sentinela vigilante ganharia o breve convencimento de que, em volta das desmanteladas torres do Bom Senso e do Bom gosto, os seus passos apenas passeavam o caminho fatigante do Tedio e da Inutilidade. Deitaria ás ortigas o seu inutil arcabuz de critico. Hercules raquitico, não lhe fôra possivel exercer a sua bela função de limpezas nessas outras cavalariças de tugias que são Lisboa, centro da nossa vida moral e mental. Voltaria á provincia...

A provincia não é o embrutecido alheamento da vida que passa. Pelo contrario: hoje, é aqui que se vive, em toda a sua plenitude e fragôr, esta suprema hora da nossa existencia que é a hora da guerra. As novas que amachucam e ferem chegam ai primeiro, é certo; mas parecem pedra morta tombando num pantano morto: ha a dôr breve da incidencia que a Cidade logo repéle, em ondulações apressadas, para estas obscuras margens da sua civilisação. E enquanto ai as novas tristes mengulham no remoinho das festas e kermesses, a lembrança dos que lá longe se batem, sofrem e morrem pela Patria, tem aqui sempre acêsa nos altares a vela que propicia o animo de Deus.

...Isto que lhe digo foi tudo dito, ontem no ultimo serão da prima Joaninha a quem profundamente desolam essas festas sem Arte nem Caridade de que Clarinha lhe tem feito o curioso relato. Quanto ao nosso abade, esse acha tão condenavel a nevróse alfacinha que já nos disse esperar para ela o flagelo terrivel com que Jeonah icinerou as famosas Sodoma e Gomorra. «Pois seja assim, disse eu ao abade, contanto que Clarinha, ao fugir da cólera divina, se não lembre de olhar curiosamente para traz...»

E, dizendo isto, eu exprimia uma verdade gruta ao meu coração e ao meu pensamento.

João do Amaral.

Por conveniencia de paginação, publicamos na segunda pagina as nossas secções, *Critica das letras* e *Quotidianas*.

D. Isabel Saldanha da Gama

O Diario Nacional publica hoje um belo artigo sobre a ilustre finada D. Isabel Saldanha da Gama, devido á pena do sr. Conde de Sabugosa, do qual pedimos vénia para transcrever os seguintes fragmentos:

«Figura notavel por mais de um titulo, a sua morte foi sentida e lastimada por todos aqueles que, num passado recente, mas que os acontecimentos, amontoados em barda, fazem parecer já tão distante, conheceram o seu espirito e poderam apreciar a sua convivencia.

Se tivesse morrido ha anos, quando ainda existia uma Côrte, isto é um gremio de escol, em que a nobreza de raça, e a nobreza de talento acompanhavam os Reis nas suas funções governativas, se tivesse desaparecido quando a sociedade portugueza estava ainda organisada com uma estructura harmonica nas suas bases tradicionaes, o eco deste acontecimento teria repercutido com maior fragôr.

Hoje, se esse eco foi atenuado pelas circunstancias da epoca excepcional em que se vive, nem por isso o acontecimento é menos sentido, ou a perda deixa de ser irreparavel para a sociedade a que pertencera a ilustre extinta.

E' que as qualidades que tornaram digna de nota a sua personalidade, pela cultura de engenho que possuia e pela natureza da missão que desempenhou, davam-lhe uma aureola que mais fazia realçar o nome preclaro que herdara.

Foi sucessora no cargo de muitas das mais insignes educadoras, que tem registo glorioso nos anaes da nossa historia.

Sem remontar ao passado longiquo em que D. Joana de Blasfeldt lançava as primeiras sementes das boas artes no cerebro da Infanta D. Maria, a mais radiante Musa da Renascença portugueza, ou em que D. Mariana de Lencas-